

Zimbabwé reconhece a presença de soldados seus em Moçambique

São dezasseis as paragens obrigatórias para o automobilista que se arrisca descer do planalto zimbabweano para o porto moçambicano da Beira. Dezasseis barreiras numa estrada de 300 kms, com soldados e milicianos moçambicanos fardados a trouxe-mouxe, alguns descalços, a pedir esta preciosidade: um cigarro.

Mas a presença visível das forças moçambicanas explica muito menos a recente melhoria do aumento de segurança no centro do país do que o acordo de Incomati, assinado em 16 de Março deste ano, com a África do Sul, e, sobretudo, a acção do exército zimbabweano no corredor estratégico Mutare-Beira.

Desde finais de 1982 várias centenas de soldados zimbabweanos — o seu número, que as autoridades não revelam, é estimado em 700 — guardam o oleoduto, a via férrea e a estrada numa faixa de 20 kms de largura, contra os ataques dos guerrilheiros do Movimento Nacional de Resistência Moçambicana (MNR).

A protecção do oleoduto é vital para o aprovisionamento do Zimbabwé em hidrocarbonetos refinados. De igual modo, 500 soldados patrulham a estrada de Tete, através da qual Harare importa, via Moçambique, milho do Malawi. Em Tete a situação é mais grave que aqui.

RENAMO EM TODO O PAÍS

O MNR está presente em todo o território moçambicano e acentuou mesmo a sua pressão

no norte e no extremo sul do país, mas a actividade dos guerrilheiros diminuiu há alguns meses nas províncias de Manica e Sofala (centro).

O número de incidentes no sector passou de 26 para 16, entre Julho e Agosto, segundo fonte zimbabweana.

Na Beira, onde a situação alimentar continua precária, apesar duma ligeira melhoria, a gasolina é estritamente racionada mas não houve cortes de electricidade nem, portanto, sabotagem da linha desde Janeiro.

Um médico americano do hospital da Beira afirma que os soldados, que aí são tratados, são-no sobretudo por feridas de armas de pequeno calibre e cada vez menos por feridas de morteiro ou de bazuca.

A ponte de Bandula, a 50 kms da fronteira, continua sem poder ser utilizada, dez meses depois da sua sabotagem, mas, diz o director adjunto do porto da Beira, Óscar Diniz: «Muitos homens de negócios do Zimbabwé viajam agora sem escolta». «Desde o início do ano, acrescenta, não houve mais ataques contra comboios, nem sabotagem da linha. Mas não abandonamos as precauções: os comboios só funcionam de dia e com uma carruagem militar entre Nhamatanda (100 km a oriente da Beira) e Mutare».

Segundo um comerciante de Chimoio, capital de Manica, antes ouviam-se tiros durante toda a noite. Isso já não acontece, diz o comerciante, que pode ir finalmente à sua quinta, a 25 km de Chimoio, enquanto antes o seu carro era alvo dos

«bandidos armados».

As autoridades de Maputo afirmam que os progressos no centro se explicam pelo acordo de não-agressão de Incomati, que priva os guerrilheiros do apoio tradicional de Pretória, nomeadamente de munições, bem como pelas ofensivas do exército moçambicano. Mas nem tudo está resolvido pelo governo neste sector. Se a estrada entre Chimoio e Tete parece estar aberta às viaturas militares, o caminho de Sena, por onde deveria transitar o comércio do Malawi e o carvão moçambicano de Moatize, continua cortado.

Os guerrilheiros continuam aparentemente bem instalados no seu feudo montanhoso da Gorongosa, a algumas dezenas de quilómetros a norte da grande estrada Beira-Mutare. Parece que há seis meses uma camioneta foi destruída por uma mina e, uma outra, por uma bazuca, em Junho.

Aliás, de fonte zimbabweana, fala-se em dois barcos, avistados na costa de Sofala, que teriam desembarcado material para o MNR.

ZIMBABWEANOS NERVOSOS

A actuação da «Task Force» em território aliado é um tema delicado. O primeiro-ministro, Robert Mugabe, que levou bastante tempo a admitir o envio de tropas para Moçambique, recusa-se a dizer quantos homens se encontram aqui e quanto já foram mortos.

«É um problema de segurança. Espanta-me que haja deputados a fazerem tais perguntas», disse

recentemente. Sabe-se, todavia, que foram mortos cinco soldados no final de Janeiro, perto da estação de bombagem de Maforga, a meio caminho entre Beira e Mutare, e outros 4 teriam sido mortos em Abril.

Detido durante seis horas pela segurança militar, em companhia do correspondente do semanário britânico «The Observer» o enviado especial da AFP pôde dar-se conta do nervosismo dos militares zimbabweanos.

Pensando que a sua chegada tinha sido assinalada, os dois correspondentes tinham-se apresentado no campo zimbabweano de Maforga, a algumas centenas de metros da estrada, mas sem lá poderem entrar, nem contactar o comandante que estava ausente.

Na segunda-feira, uma barreira zimbabweana instalada há dias interceptou-os não longe de Gondola, no caminho de regresso. Tiveram, primeiro, que entregar as chaves do seu veículo, depois foram acompanhados pelo Zimbabwe Intelligence Corps (Informações Militares) até ao quartel-general da terceira brigada em Mutare.

O capitão «Jumbo», responsável pelas operações, pediu-lhes que explicassem a sua visita «sem autorização» a Maforga, para finalmente reconhecer que os dois jornalistas estrangeiros tinham vistos das autoridades moçambicanas, que não tinham cometido nenhuma infracção e provavelmente teria havido problemas de comunicação no exército. À noite puderam partir em liberdade.

DIA (O)

Lisboa

25. ABR 1984

COLIN E AGNES DARCH
Av. Mao - Tsé - Tung N.º 1031
MAPUTO B - 3
MOÇA «BIQUE